



# FUNDAMENTOS



# PAISAGENS PARTILHADAS

## SHARED LANDSCAPES

### Euler Sandeville Júnior

Arquiteto e Urbanista, Arte-Educador, Pós-graduado em Ecologia, Mestre e Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAUUSP. Professor Livre-Docente do Departamento de Projeto da FAUUSP, Vice-coordenador da Área Paisagem e Ambiente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da USP, Coordenador do Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade, FAUUSP.  
e-mail: esandeville@gmail.com. URL: <http://espiral.net.br>

### RESUMO

Para apoiar o programa de trabalho pretendido à época da constituição (2003) do Núcleo de Estudos da Paisagem (NEP/ FAUUSP), que estabelecia a paisagem como um campo de estudos sensível, de implicações políticas, escrevi em 2004 três artigos, um dos quais permaneceu inédito até o momento, circulando apenas entre os alunos. Agora, sua publicação, com ampliações, complementa o acesso à proposição original sobre paisagem que alimenta o programa de trabalho do NEP. O artigo apresenta a dimensão poética, sensível e existencial que entendo necessária aos estudos das paisagens. Estes são alguns dos princípios que estão na base dos procedimentos de pesquisa e programas de ação que desenvolvemos com a população, procurando estabelecer um entendimento da paisagem dependente da interação direta com as pessoas. Esses trabalhos postulam uma determinada forma de conhecer e de produzir conhecimento, fortemente ligada à experiência e à experimentação, que convergem na conceituação de paisagens como experiências partilhadas. Embora seja esse o fundamento da proposta do NEP, a abordagem em nossos estudos incluem contribuições de outras formas de aproximação, como aquelas que permitem trabalhar com as estruturas espaciais e suas dinâmicas.

**Palavras-chave:** Paisagem e ambiente, Processos cognitivos, Trabalhos colaborativos

### ABSTRACT

*In order to support the agenda set up by the Landscape Studies Group (NEP/FAUUSP) at the time of its constitution (2003), which established the landscape as a sensible study field with political implications, I wrote in 2004 three papers, one of them remaining unpublished since, except between students in my classes. Now, its publication — with additions — complements the access to the original propositions on landscape that feed the Group's agenda. This paper presents the poetical, sensible and existential dimensions that I believe are necessary to the landscape studies. These are among the principles which stand at the basement of the research procedures and action briefs that we develop along with the population, looking for establishing an understanding of the landscape dependent on the direct interaction with the people. These works postulate a precise way of knowing and producing knowledge, strongly connected to the experience and the experiencing, all of which converge on the concept of the landscape as a shared experience. Although this being the grounding of the NEP's proposal, the approach found in our studies share other ways of approaching, as those ones that make us able to work with the spatial structures and their dynamics.*

**Keywords:** Landscape and environment, Cognitive processes, Collaborative works

Em 2004 iniciei uma aula fornecendo aos alunos um conjunto de fotografias e pedi que me dissessem o que tinham em mãos. As respostas foram rápidas: PAISAGENS. As imagens retratavam uma cidade com uma parte verticalizada, um caminho com uma mulher na caatinga, um rio. Meus alunos estariam de fato segurando paisagens? Tão familiarizados estamos com a mediação de recursos tecnológicos e de suportes abstratos para nos referirmos a nossas experiências e conhecimentos, que essa substituição torna-se verossímil. No caso da paisagem, tomam seu lugar suas representações em mapas, maquetes, fotos, slides e, por que não, dissertações, teses, relatórios, projetos. É importante pensar porque as fotos representam algo que não são, não se referem a si mesmas enquanto fato material, mas a uma outra coisa que substituem, inclusive afetivamente.

De certo modo, essas imagens, em um primeiro momento, se tornam algo que não são para adquirir sentido (colocando em questão universos de representação, o imaginário); já as paisagens, existem enquanto representação daquilo que são, isto é, exigem a inserção no espaço para existirem, a experiência física não se desgruda da experiência humana de se saber e sentir-se nesse espaço daquela de se representar nele, em uma complexa temporalidade. As paisagens estabelecem uma polarização transitiva<sup>1</sup> entre sujeitos e seu ambiente, com uma unicidade tensa e não isenta de contradições e ambiguidades, característica das relações humanas.

Agreguei então algumas informações às reproduções que os alunos tinham em mãos, ampliando-lhes os sentidos, e transformando-os. O rio fotografado era o Jequitinhonha, e a mulher que aparecia no caminho era Dona Maria (nome hipotético), uma senhora que conheci no vale do Jequitinhonha, se me lembro, na altura do Araçuaí. Esta senhora pedia carona e se ninguém parasse iria andando até seu sítio, com uma trouxa de compras sobre a cabeça, talvez por uma tarde inteira, ou mais.

Pelo caminho, longo como se percebe, contou-me estórias que margeavam a estrada, povoando em minha imaginação as casas e campos lindeiros com vida. Aos poucos, o que via de passagem ia mudando de sentido, como se a paisagem, enraizando-se nela mesma e desvelando razões que a habitam - e se indicam de um modo sutil ao passageiro que a atravessa - deitasse suas raízes também em mim. Contou-me de sua vida. Havia perdido o marido de "inchaço no coração", um filho morreu após uma queda, enfim, restara um filho que morava com ela. Perguntei-lhe então o que havia de bom. Sua resposta me impressiona até hoje: "*De bom, meu fio, só memo a dor.*"

Desviei-me da estrada por uma secundária para deixá-la mais próxima de seu sítio, mas em determinado ponto o carro não conseguia vencer o chão de cascalho e areia da estação seca. Ela seguiu seu caminho, agradecendo muito, e preocupada de como voltaria o carro. Quanto a ela, procurava tranquilizar-me: agora faltava pouco por essa estrada, depois teria que atravessar por uns morros a mata seca (a caatinga), após mais algum tempo de caminhada chegaria a um rio (seco provavelmente) e, na margem oposta, marcada em sua memória, a seu sítio. Sua vida me pareceu povoada por lembranças trágicas em um quadro natural hostil. Perguntei-me, logo depois, por que não se mudava dali para terras menos inóspitas? Mas seriam mesmo inóspitas?

A uma primeira apreensão, o termo poderia soar aceitável diante dessas terras que sugerem obstáculos muito significativos, escassez, contrariedades ao trabalho e necessidades humanas quase totais diante dos “confortos” a que estamos acostumados. Seguramente, não o é do ponto de vista da beleza, já que aquelas paisagens no período seco abrigavam uma grande possibilidade estética (pelo menos as sentia assim). A beleza não é um fato em si, é um modo de sentir que se aprende. As paisagens são frequentemente identificadas com uma associação à beleza (e esta à visualidade). De fato, a dimensão estética (que antes do visual é uma condição do sentir, um saber que pode ser verbalizado, mas se mobiliza antes e além da verbalização) é sempre uma dimensão possível na paisagem. Em meu entendimento, paisagens não são realidades ou experiências que tendem ao repouso, são contraditórias e dinâmicas, e nos oferecem todas essas potências.

Um pouco adiante, atravessei uma ponte sobre o cascalho e, subindo a vertente do morro, conversei com algumas pessoas. Água? Só em novembro! Estávamos em julho. A hospitalidade, entretanto, era imensa. Aí reside a beleza. Nesses relatos, e em outros que experienciei, as paisagens só são plenamente significadas como paisagens quando dotadas do significado das vidas das pessoas que ali constroem sua história. Seja um chão de concreto ou de cascalho, o horizonte de cinzas das lajes da cidade, a terra da caatinga, os verdes solares das matas, a paisagem é a nossa casa, o habitar da memória viva e familiar inscrita em cada imaginação e realização, ou em cada possibilidade por fazer, mesmo que nunca o venha a ser.

O que dei a D. Maria foi muito pouco e eventual, mas ela me deixou muito, e foi perene. Ela e outras pessoas que não entram neste relato, e não entram em nenhum relato, marcaram para sempre o que sou, o que vejo: deram-me a oportunidade de um entendimento mais concreto e amplo do que significa a paisagem: vida. A experiência pelo vale do Jequitinhonha em 2002, como muitas outras desde 1985, quando atravessava num transepto a cidade de São Paulo, dos bairros jardins aos bairros chamados de clandestinos, que se espraiavam pela área de mananciais, até os limites dos testemunhos da floresta atlântica. Casas, rios e matas propõem uma experiência de descoberta, de desvelamento para além de suas formas, enquanto são apenas matéria ou coisa, não são ainda paisagem.

A beleza das paisagens só se torna plena ao se perceber a beleza e o drama humano, com suas contradições, lutas e esperanças, que lhes atribui, modifica, nega ou acrescenta os significados. A dimensão estética e sensível, que as paisagens possibilitam, não se oferecem apenas nas formas, mas nos significados e nos sentidos nelas entranhados, na medida em que se nos descortinam. Sem a experiência direta, aberta, indeterminada, poderíamos nos contentar com os cartões postais.

Tornarmo-nos conscientes dessa dimensão existencial na paisagem (e não só da paisagem, como se costuma dizer), não mais figura ou contemplação distanciada. Percebermos-nos parte dela e de sua transformação, cúmplices e ativos, responsáveis tanto pelo que é, quanto pelo que pode ser. Considero a experiência indispensável à pesquisa. Daí incluir, em muitas das investigações que fiz, papel fundamental à viagem,

ao percurso, à observação direta e assistemática, além dos procedimentos já consagrados na pesquisa qualitativa.

Tenho como pressuposto que a experiência (no sentido de BONDÍA, 2002) é indissociável de um processo complexo e crítico de aprendizagem, no qual o sensível e o cognitivo se encontram, tornando-os essenciais tanto à interpretação da paisagem, quanto à formação para o enfrentamento das questões urbanas e ambientais. Tratando-se de paisagens, não desejamos contemplá-las apenas do mundo das teorias e das janelas do gabinete, e pensamos que não basta “abrir as janelas” para contemplá-las. Ao seu modo, Fernando Pessoa (2006), em *Alberto Caeiro*<sup>2</sup>, coloca uma condição existencial problemática no conhecimento dos fenômenos:

Não basta abrir a janela  
Para ver os campos e o rio.  
Não é bastante não ser cego  
Para ver as árvores e as flores.  
É preciso também não ter filosofia nenhuma.  
Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.  
Há só cada um de nós, como uma cave.  
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;  
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,  
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.

Temos que ir lá fora para apreendê-las e para aprender. A par do existencialismo e do argumento aparentemente antifilosófico do poeta há uma questão mais importante ainda que se coloca. O mundo das ideias, discursivo como apresentado pelo poeta, é, para ele, um mundo de isolamento do indivíduo, do “cada um de nós”. Ao passo que a paisagem é um mundo relacional, é o mundo do “entre nós”<sup>3</sup>.

Esse contato contraditório do mundo das ideias com a experiência (que “nunca é o que se vê quando se abre a janela”) constitui então uma imensa possibilidade de aprendizado. Proporciona inquietação tanto quanto aproximação. Ou seja, conhecer é aprender, e aprender é experiência. Estes são processos que existem em tensões sutis, algumas vezes intensas, nas quais os significados se estabelecem e ainda assim permanecem abertos, poéticos, existenciais (daí, do empírico não cabe falar aqui de empirismo, mas de desvelamento<sup>4</sup>). As tensões e contradições, como as afetividades, e não apenas as harmonias, os rigores e as coerências, são relevantes ao processo de conhecimento.

Descobrir paisagens (brasileiras, em nosso caso) é descobrir as pessoas que nelas, integrados indissociavelmente, vivem suas vidas, seus sonhos, seus romances, suas esperanças, suas dores e angústias, por vezes desesperos. É partilhar, por tempos de durações e intensidades variadas, as dores e sonhos inscritos não poucas vezes na pele e no coração; é usufruir, ainda que transitoriamente, o melhor de cada um, a bondade de tantos. É ser beneficiário, ainda que distante e de partida, de seu enorme potencial. No entanto, as adversidades são imensas.

Paisagens são experiências de vida. **Experiências partilhadas**<sup>5</sup>. Ignorar a intensidade, a tensão e a riqueza, a espontaneidade cheia de intencionalidades e contradição desse partilhar experiências que constitui uma paisagem, é caminhar por elas de “olhos bem fechados”, é atravessá-las como um burocrata, que ao focar os olhos nada tem para ver senão memorandos, hierarquias, ordens, classes e as técnicas para sua catalogação e arquivo. Estudar paisagens, ao contrário, é abrir-se para uma dimensão estética (um ampliar da sensibilidade), uma dimensão poética (um ampliar dos significados no mundo), uma dimensão técnica (no sentido de uma técnica concebida sob um juízo social coletivo), uma dimensão crítica que fundamenta a mudança numa perspectiva humana ativa, no que esta expressão convida a uma ação ética e solidária (Paulo Freire, 1996, 2001, nos ajuda de modo essencial a aprofundar esse programa de aprendizagem).

Ao falarmos em paisagem, obviamente estamos diante de visões, enfoques, problemas e conceitos muito diversos, que se referem a campos de significação comuns, embora não unificados. Indo além, a paisagem não pertence, enquanto conceitualização, a um olhar ou a um saber, pois é um fato socialmente produzido, essencialmente coletivo e complexo ainda quando desigualmente apropriado de forma particular. O que faz com que a paisagem não seja o “objeto” designativo de um campo disciplinar, mas se dê na interpolação e nas fronteiras de vários: não se trata apenas de multi e interdisciplinaridade, mas de construção de transdisciplinaridades e - é preciso que se diga -, de não disciplinaridade<sup>6</sup>.

Não são apenas as paisagens que mudam conforme o observador, como frequentemente se afirma. A paisagem muda o próprio pesquisador, conforme o problema enfrentado e a interação que se estabelece. Este é transformado e assim transforma seu entendimento da paisagem que se desvela nesse convívio. Aprendizagem é a transformação do sujeito na relação com o mundo, sem o que não se pode falar de conhecimento. A paisagem mobiliza um campo semântico e de possibilidades que ultrapassa o da racionalidade, embora o contemple, ativando importantes conteúdos de subjetividade e relacionais, que são assim, de algum modo, recapturados na investigação científica humanista (no sentido que lhe atribui Paulo Freire) através da intrusão poética<sup>7</sup>.

Enriquecem-se de significados os circunspetos campos disciplinares que pretendem dar conta de objetos específicos, devolvendo a esses recortes, no horizonte de uma subjetividade de fundo, um pouco da totalidade do objeto que é roubada pelo excesso do desejo de objetividade do método. A adoção e manutenção do termo paisagem mostra que a poesia ainda é necessária ao conhecimento científico<sup>8</sup>. Como todo conhecimento, este engendra e é engendrado por representações do mundo e não por uma descrição isenta, permanecendo assim relativo à experiência existencial: se inscreve no quadro da vida do pesquisador e do pesquisado.

Tomemos um outro exemplo, não mais fotos, mas um poema. Vejamos um *tanka*<sup>9</sup> de Kikui Iwanami (1898-1952, tendo vindo para o Brasil em 1925), imigrante japonês que segundo se conta passou a vida cultivando a terra durante o dia e escrevendo *tankas* à noite.

綿の木の 花のさかりは さながらに 故国の桜の 花を思わしむ	as paineiras [árvore de algodão] no tempo de florada são idênticas às cerejeiras em flor na minha terra natal <p style="text-align: right;">IWANAMI 1993:37<sup>10</sup></p>
--	---

Ao tempo em que a natureza, a escala das coisas e os modos de fazer e relacionar-se mudam aos olhos do poeta, em imagens que são recorrentes em suas poesias, a memória se sobrepõe ao mundo observado, mobilizando continuamente os significados já conhecidos. Aqui, também, a aprendizagem não se dá apenas no conhecimento lógico, mas no sensível.

Como o imigrante Iwanami, procuramos reconhecer paisagens afetivas em um território estranho que vai se tornando familiar. A memória é ativa na invenção do presente (geralmente se cai na ilusão de ser recordação, de ser passiva, mas é construção e projeção<sup>11</sup>). Sem dúvida, aqui percebemos a importância dos símbolos e da memória na relação de pertença e de alteridade e, mais do que isso, de construção da paisagem. A construção da paisagem é parte da construção de si mesmo no mundo, mobilizando não só a percepção, mas uma condição existencial muito ampla e que só é possível numa realidade entre sujeitos e temporalidades múltiplas, que envolve as subjetividades, além da sociabilidade e de uma dimensão que ultrapassa o indivíduo, mas a ele se apresenta e pode ser percebida, que é social e histórica.

A cerejeira, mencionada no poema, vai muito além da beleza da flor, que de fato existe, e da sua lembrança. É apreciada em uma teia que é também de significados e vivências que são parametrizados pela cultura, pela tradição, que remete a uma condição espacial e social na qual o objeto representado existe e significa. Daí, reconhecer a “árvore do algodão” é tanto reconhecer-se diferente na diferença, quanto o fazer-se parte dela gradualmente, e nesse processo construir-se em uma nova terra, com os riscos e as múltiplas durações dessa experiência que se reelabora continuamente.

Assim, a paisagem, como a entendo, é um campo de significados imensos que mobilizamos como processo sensível e cognitivo, e reposicionamos a partir do existente sempre em uma nova perspectiva. Mas um novo que não é anulação do que foi; ao contrário, é condição transformadora e entrelaçada com o “passado”, sucessivamente transformado, que subsiste assim no “presente”. Mudança e permanência não são alternativas excludentes, dualidades. São mais uma coexistência imbricada, uma condição que existe uma na outra. Nesse sentido, a paisagem é tanto história, quanto é vivência, é tanto memória quanto é possibilidade. As belas vistas, que nossa cultura consolidou como senso comum do que seja uma paisagem, não são de fato sua condição existencial mais profunda, sequer na experiência distraída do cotidiano, em que subsiste um amplo campo sensível e perceptivo, cognitivo. Como objeto de estudos, reduzi-las apenas a isso, ou apenas a formas de representação visual, desconsidera um universo



de significados e de implicações necessárias para quem se acerca do estudo das e nas paisagens. A insuficiência da representação cartográfica ou iconográfica, por exemplo (sem negar sua importante utilidade), demanda também a vivência do pesquisador para que a paisagem se estabeleça como tal em seu processo cognitivo.

A ênfase na experiência não constrói, nessa perspectiva, uma paisagem como um presente autonomizado e sem espessura, individualizado. Ao contrário, possibilita a percepção de suas múltiplas temporalidades e escalas, das ambiguidades das escolhas e suas razões nesse campo a que chamamos de relacional, do “entre nós”. Por isso não admite também o extremo de uma paisagem objetivada em sua representação ou em sua forma. A paisagem evidencia que as possibilidades ultrapassam em muito a escala do indivíduo e suas relações de convivência, como ultrapassam em muito o tempo em que se dá o presente, e seus ciclos, tornando assim a paisagem aprendizagem.

*“Estudar a paisagem é, nesse entendimento, estabelecer uma discussão da cultura, de implicações políticas, ou não a perceber como paisagem. Sociedades organizam o território em função de suas necessidades e valores, definindo suas condições de existência. Discutir a paisagem é discutir como nos vimos, como nos vemos, como gostaríamos de ser vistos. É reconhecer, antecipadamente, como seremos vistos como sociedade. Nesse sentido, por vezes a paisagem incomoda (e muito): evidencia nossas práticas para além dos discursos que a camuflam, questiona valores correntes, aponta para um desejo possível de mudança – o que nos proporciona alguma esperança e faz brotar um sentimento de urgência.”* (SANDEVILLE Jr. 2005)

Paisagem, potencial-problema, insiste em desabrochar criativa, forte, vital, autêntica, ainda que tantas vezes negada e ultrajada. Negada pelas elites e pelos governantes - exceto nos registros que simbolizam sua presença e de “seus iguais” -, mas negada também por bandidos, por preconceitos injustificáveis, por interesses locais e regionais que se sobrepõem maldosa e irresponsavelmente à vida, mesquinhos, inconfessáveis, manipulando os outros desavergonhadamente em benefício próprio. A paisagem descoberta como tal, em sua potência, emerge como resistência humana, silenciosa e eloquente. Sua experiência, como uma aventura de conhecimento, contribui para questionar os textos e imagens em profusão que nos afastam da experiência direta, apresentando-se como retrato suficiente, visando nos satisfazer com o retrato mais do que com o retratado.

Dar conta dessa condição existencial exige e favorece perceber a paisagem também como um campo de conflitos e contradições, evidenciando que essa condição de existência é também produção social do espaço<sup>12</sup> e história. Sem dúvida, essa dimensão coletiva e temporal pode ser percebida e reconhecida no empírico e na experiência, mas exige outras mediações e representações para o seu acesso intelectual e operativo. As implicações dessa epistemologia, que é também pedagogia, são exploradas e aprofundadas no conjunto de trabalhos e pesquisas de que participamos como grupo de pesquisa e ação. Essa partilha das paisagens, ou paisagens partilhadas, o são em todos os sentidos indicados, e nos que estes implicam e convidam a desvendar. Para tanto, traz algumas atenções importantes em nosso trabalho:

Primeiro, reconhecer que o pesquisador partilha, por determinado tempo, com outras pessoas que se tornam parceiras desses trabalhos, as paisagens que estuda. O que decorre de reconhecer que os nossos interlocutores são protagonistas<sup>13</sup> que as partilham entre si e com outros sujeitos, grupos e organizações sociais como sua condição de vida, colocando aí aspectos do trabalho, da sociabilidade, da afetividade, do habitar e, portanto, são dotadas de múltiplas temporalidades e espacialidades. O que deve implicar em postura ética, sensível, dialógica e devolutiva do pesquisador aos seus parceiros.

Segundo, entender, mesmo quando este não é o foco da pesquisa, que essas paisagens partilhadas no interpessoal também o são socialmente, o que significa dizer que são construções para um espaço que se realiza para além das individualidades, como espaço social, construído no âmbito de condições mais amplas, *estruturais*. Ou seja, as realidades locais não são apenas realidades locais. Nem, tão pouco, a realidade do lugar é mero espelho ou reflexo determinado por macroforças sociais gerais independentes da vontade humana. Essa compreensão leva a perceber na paisagem durações e interações espaciais constitutivas que transcendem nossa existência e percepção; dotadas de historicidade, permanências e modernizações na produção social do espaço, mas não reduz o fato de que somos sujeitos sociais ativos nesses processos.

Terceiro, essa partilha, assim entendida como vivência e como produção, apresenta muitas possibilidades de aprendizagem, temáticas e escalas de aproximação, nas quais se ampliam ou restringem os mundos, as sensibilidades, a inteligência dos processos, as capacidades de decisão, criação e ação, sendo assim possível dotá-las de intencionalidade e compromisso.

Quarto, essa epistemologia reconhece que há um campo poético e um campo obscuro implicado no conhecimento, não propriamente que lhe escapa, mas que o constitui. Talvez, ampliando o argumento de Lefebvre (2006:29) ao tratar das representações, *a teoria do conhecimento não basta, há que adicionar-lhe uma teoria do desconhecimento*<sup>14</sup>.

Neste sentido, entender uma paisagem é também construí-la. A cada novo entendimento, descortinamos uma paisagem mais ou menos rica, desenhamos nosso papel e compromisso *nela* (e não apenas *com* ela). Por isso, o entender se dá em ação, em experiência, em transformação do que somos ao nos abirmos para o mundo. Criamos paisagens sobre paisagens já conhecidas a cada vez que as conhecemos melhor, de modo que paisagens não são tipos, mas realidades específicas e dinâmicas, não são apenas formas, mas universos de significação, nem são apenas imagens, mas o trabalho da natureza e de gerações no *tempoespaço*, significadas na vivência.

## Notas

1. O termo *trajectivité*, cunhado por Augustin Berque (2000), ajuda a entender essa relação.
2. O poema me foi encaminhado pela aluna Cristina Cuiabália Rodrigues Pimentel, depois de uma aula sobre paisagem.
3. SANDEVILLE JR., 2011b.
4. CRITELLI, 2006.
5. SANDEVILLE JR., 2004, 2005.
6. SANDEVILLE JR., 2011a.
7. MORIN, 2005.
8. Podemos considerar, por exemplo, Alexander von Humboldt (1769-1859). Esse naturalista ainda opera um conhecimento racional e empírico do mundo que dialoga com a experiência e sua dimensão estética (como em HUMBOLDT, 1950). A separação mais radical veio depois e, nesse momento, cabia ainda ao artista capturar alguns elementos sensíveis por meios que escapavam à descrição lógica (a arte), e vice-versa, estabelecendo cooperação entre essas linguagens.
9. *Tankas* (*Tan*:curto + *Ka*: poema, na sua origem eram cantados) são poemas subjetivos formados por cinco versos com total de 31 sílabas (no japonês as sílabas não são apenas sons, mas imagens) distribuídas em versos de 5-7-5-7-7, métrica que esse poeta considerava válido desrespeitar.
10. Escrito em *hiragana*, pode-se aproximar da sonoridade e do ritmo original do poema: “*wata no ki no/ hana no sakari wa/ sanagara ni/ kokoku no sakura no/hana wo omowashimu.*”
11. Do mesmo modo que a memória é representada corriqueiramente como um olhar do acontecido, e não como sua invenção para o presente e projeto, a distração e o esquecimento também são geralmente vistos como negações ou negatividades. No entanto, são constitutivos necessários do ser no mundo e dão sentido à lembrança.
12. SANTOS 2002; LEFEBVRE, 1991, 2001.
13. Nem os pesquisadores, nem os colaboradores, nem aqueles que o estudo não abarca, são passivos ou neutros. Todos são protagonistas e sujeitos nessas relações que mobilizam múltiplas temporalidades e durações.
14. Emprestei o termo a Lefebvre, mas com a intenção de aproximá-lo também de um outro autor: Paulo Freire (1996) ao fundar a aprendizagem na consciência da incompletude, na curiosidade e na consciência crítica.

## Bibliografia

- BERQUE, Augustin. La trajectivité des formes urbaines. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Paisagem e arte: A invenção da natureza, a evolução do olhar.** São Paulo: I Colóquio Internacional de História da Arte, 2000, p. 41-47.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.
- CRITELLI, Dulce Mára (1996). **Análítica do sentido.** Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. 2 ed. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira.** São Paulo: Instituto Paulo Freire/Cortez, 2001. [1959].
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HUMBOLDT, Alexander von. **Quadros da natureza.** Trad. Assis de Carvalho. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1950, 2 vol.
- IWANAMI, Kikui. **Tankas de Kikui Iwanami.** São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1993.
- LEFEBVRE, Henry. **La presencia y la ausencia.** Contribución a la teoría de las representaciones. Trad. Oscar Barahona e Uxoia Doyhamboure. México: FCE, 2006. [1980].
- \_\_\_\_\_. **O direito à cidade.** Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- \_\_\_\_\_. **The production of space.** Trad. D. Nicholson-Smith. Reino Unido: Blackwell, 1991.
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria.** 7 ed. Trad. Edgar de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- PESSOA, Fernando. **Obra completa.** Maria A Galhoz (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

SANDEVILLE JR., Euler. **As paredes, a paisagem, as formas da morte, as possibilidades da vida**. São Paulo: Plêiade/AION, 2011b.

\_\_\_\_\_. Paisagem. Revista **Paisagem e ambiente**, São Paulo, v. 20, p. 47-60. 2005.

\_\_\_\_\_. Paisagens e métodos. Algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intraurbana. Revista **Paisagens em debate**. Disponível em <http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa>, 2004.

\_\_\_\_\_. **Paisagens partilhadas**. Tese (Livre-Docência) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011a.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

## Homenagem

Gostaria de homenagear com este texto duas mulheres: Dona Maria, cujo nome inteiro jamais soube e que se torna invisível, embora vivente, como as paisagens em que existe e as quais me ajudou a perceber melhor, e Miranda Martinelli, orientadora de meu mestrado e doutorado, que me estimulou e possibilitou (e a muitas colegas, direta ou indiretamente) a estrutura institucional e o ambiente intelectual para estudar a paisagem. Ambas contribuíram de modo tão diverso para que pudesse tornar minha relação com as paisagens mais rica e essencial, mais plena de uma perspectiva humana, no sentido da vida e de todos os seus conhecimentos que não podem ser avaliados pelos atuais sistemas de certificação, que tratam apenas de quantidades que atravessam portas estreitas de verificação. Os conhecimentos devem ser construídos sabendo-se na vida e sabendo-se nela significados e significantes.

## **NORMAS PARA PUBLICAÇÃO – REVISTA PAISAGEM E AMBIENTE: ENSAIOS**

1 O Conselho Editorial da revista *Paisagem e Ambiente: Ensaios* decidirá quais artigos, ensaios, conferências, debates, resenhas, relatos de experiências e notas técnicas terão a possibilidade de publicação, considerando-se para tanto a consistência teórica e a pertinência do tema diante da linha editorial.

### 2. Apresentação dos trabalhos:

Em mídia eletrônica (CD, DVD), utilizando o processador de texto WORD 6.0 ou superior. Deverá conter entre 21.600 a 43.200 caracteres, incluindo o resumo, o abstract e a introdução. Deverão ser entregues, com o CD/DVD, três cópias impressas do arquivo.

O resumo e o abstract não deverão ultrapassar 2.800 caracteres.

3. Os títulos e os subtítulos deverão aparecer em maiúsculas, pois é importante que no original fique clara sua natureza. Também deverão ser concisos e explícitos quanto ao conteúdo tratado. Deverão ser apresentadas, no mínimo, 5 palavras-chave (unitermos).

As contribuições deverão ser acompanhadas da versão em língua inglesa do título, subtítulo, resumo e palavras-chave.

4. Logo após o título, devem constar o nome do autor, sua qualificação, procedência e endereço postal e/ou eletrônico.

5. As notas e referências bibliográficas deverão ser agrupadas no final do texto e devidamente referenciadas, de acordo com as normas NBR 6023 e NBR 10520, da ABNT.

As notas e referências deverão seguir os seguintes padrões:

#### 5.1. Artigos e capítulos de livros

Colocar a referência bibliográfica nesta ordem: autor, título do artigo/capítulo, nome do autor do livro, título do livro (em itálico), subtítulo (sem itálico), edição, local de publicação (cidade), editora, volume, data de publicação, série ou coleção.

Exemplos

- autor do capítulo e do livro

MACEDO, Silvio Soares. *Ecletismo. Quadro do paisagismo no Brasil*. São Paulo: Edição do autor, 1999 (Coleção Quapá).

- autor somente do artigo ou capítulo

MACEDO, Silvio Soares. Robero Burle Marx and the founding of Modern Brazilian Landscape Architecture. In: VACCARINO, R. (E.) *Roberto Burle Marx. Landscapes reflected*. Nova York: Princenton Architectural Press, 2000.

#### 5.2. Artigos publicados em periódicos

Indicar o autor do artigo, título do artigo, subtítulo do artigo, título da revista (em itálico), local de publicação (cidade), título do fascículo, se houver (suplemento ou número especial), volume, número, páginas (inicial e final), mês e ano.

Exemplo

PELLEGRINO, Paulo Renato Mesquita. Pode-se planejar a paisagem? *Paisagem e Ambiente: Ensaios*, São Paulo, n. 13, p. 159-179, 2000.

### 5.3. Citações no corpo do texto – Referências bibliográficas

As citações, quando forem literais, devem ser precisas, grafadas em itálico e entre “aspas”. No corpo do texto devem constar o sobrenome do autor, data e páginas da publicação. Ex.: (LEITE, 1994, p. 86)

Nas Referências bibliográficas, o sobrenome do autor citado deve ser posto em ordem alfabética (em maiúsculas), prenome, título do livro (em itálico), subtítulo (sem itálico), edição, local de edição (cidade), editora, volume, ano de publicação, série ou coleção (entre parênteses).

Exemplo

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. *Destruição ou desconstrução? Questões da paisagem e tendências de regionalização*. São Paulo: Hucitec, 1994.

### 5.4. Dissertações e Teses

As referências de tese de doutorado ou dissertação de mestrado devem conter: nome do autor, título (em itálico), subtítulo (sem itálico), data, número de páginas ou volume, categoria (grau), identificação da instituição, local, data de publicação.

Exemplo

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. *A megalópole e a praça: O espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa*. 2001. 351 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

6. As ilustrações deverão ser entregues em folhas separadas com as devidas indicações de créditos e legendas, devidamente referenciadas no texto.

Os desenhos deverão ser entregues em arte-final, preferencialmente a nanquim sobre papel schoeller. No caso de imagens, deverão ser entregues os originais, para serem escaneados no Laboratório de Programação Gráfica.

Em caso de arquivo eletrônico, a imagem deverá ter 300 d.p.i., no tamanho 12 x 15 cm, em RGB. As imagens não serão recebidas por correio eletrônico.

Será permitida a inclusão de ilustrações que poderão ser impressas em cores, dependendo da disponibilidade de recursos para a impressão. As ilustrações (fotos, desenhos, esquemas e croquis) poderão ocupar um número equivalente de páginas daquelas ocupadas pelo texto.

7. Não serão aceitas reproduções de imagens publicadas em livros, revistas ou periódicos, sem a expressa autorização do(s) autor(es) das mesmas.

8. Após o ato de entrega, as condições dos originais serão analisadas criteriosamente. Os trabalhos que estiverem em desacordo com os padrões aqui descritos serão devolvidos em seguida para que se providencie sua regularização.

9. Os textos assinados serão de inteira responsabilidade dos autores e não haverá alteração de seu conteúdo sem prévia autorização.

10. Os autores receberão gratuitamente três exemplares do fascículo no qual constar publicada sua contribuição.